

José Renato Coan



18 - 04 - 1964

# Contos ao pé da figueira

E é ao entardecer que as  
memórias vêm mais ternas,  
serenas, aquecendo os  
corações...

2



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Contos ao pé da figueira

2



José Renato Coan

Contos ao pé da figueira  
2

**EDITORA RECANTO DAS LETRAS**

© José Renato Coan

Editora Recanto das Letras  
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira  
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia  
Revisão do texto: Maciel Salles  
Diagramação: Michael Douglas  
1ª edição – março de 2022

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Coan, José Renato

Contos ao pé da figueira : 2 / José Renato Coan. -- São Paulo :  
Recanto das Letras, 2022.

116 p.

ISBN: 978-85-7142-125-7

1. Contos brasileiros I. Título

22-1372

CDD B869.8

---

**Índices para catálogo sistemático:**

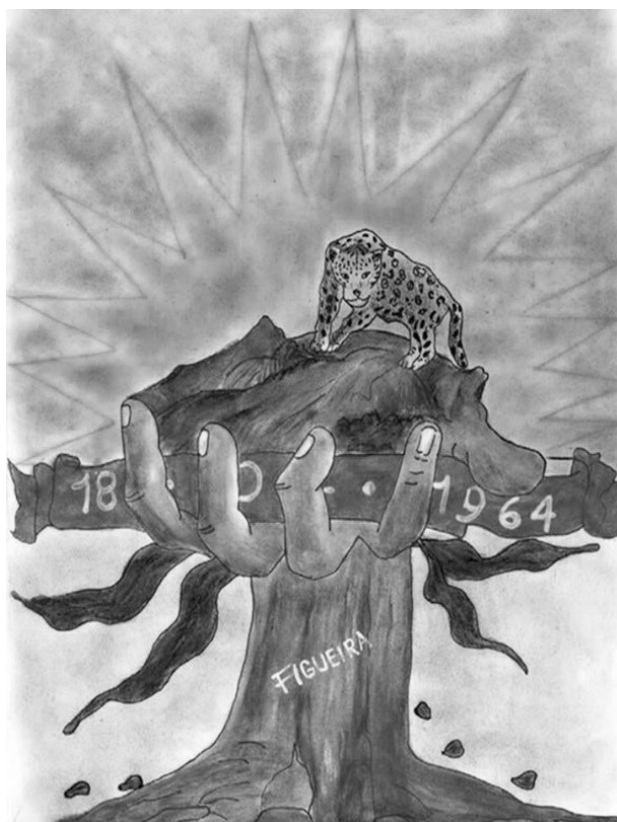
1. Contos brasileiros

## Dedicatória

DEDICO ESTE LIVRO a todos os personagens que nele são retratados e às suas famílias, que me permitiram invadir um ambiente tão íntimo para contar em forma de pequenas histórias grandes exemplos de vida. Dedico de forma muito carinhosa a duas perdas de 2021: Alda Venturini Colnago (a Dona Didi, presente no primeiro volume) e meu dileto amigo e mestre Winston Churchill da Silva Bérغامo (eternamente Dr. Xuxa), um itaranense-itaguaçuense por mais de 20 anos.







“Às margens do Santa Joana  
Sempre alegre e hospitaleira  
Banha-se minha Itarana  
Bela, próspera e altaneira...”

Trecho do hino de Itarana – ES  
Letra: João Fernandes  
Melodia: Walfredo Rubim





## Prefácio

ESCREVER *CONTOS AO PÉ DA FIGUEIRA 2* foi desafiador. Primeiro porque já existia um primeiro volume, com histórias lindas e que puderam despertar em muita gente os mais gratos sentimentos.

Segundo porque eram novas histórias e aí novamente o baú das emoções e recordações é revirado, é sacudido, é não se deixar emocionar novamente com essas lembranças que são tão ternas a todos.

O desafio maior não era contar as histórias, mas fazer com que elas despertassem sentimentos tanto na família dos homenageados quanto em todos aqueles que tiverem acesso ao volume 2.

Desafio vencido, o *Contos ao pé da figueira 2* é agora uma realidade. E, nas suas mãos, que esta coletânea de contos sobre nossa gente, nossas famílias, nosso povo, possa te fazer voltar ao tempo, te reacender a chama da fé, da esperança e da alegria de ser itaranense, porque orgulhosamente podemos dizer, independente de termos nascido nesta terra sempre alegre e hospitaleira, banhada suavemente pelo Santa Joana ou não: nós somos itaranenses.



# Sumário

Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho! .....	13
Vida sobre duas rodas .....	15
Alô! Ligação interurbana, por favor .....	17
Amor pela sétima arte .....	19
Imagens do catecismo ilustrado .....	21
Bola defendida não altera placar .....	23
Brilho e luz na passarela .....	25
Conjugando o verbo amar .....	27
Correndo na vida .....	29
Da Pedra Linda para a vida .....	31
Entre a pequena cidade e o grande centro .....	33
O balconista presidente da Câmara .....	35
Dedicação exclusiva ao trabalho .....	37
Doceira de mão-cheia .....	39
Ditando a moda na cidade .....	41
Do barro às grandes construções .....	43
Do terreiro de café à venda do limoeiro .....	45
Desde cedo um grande homem .....	47
Facões em punho pela igreja .....	49
Entre os afazeres da casa e o cuidado com a igreja .....	51
Por entre caminhos e estradas sem fim .....	53
Tijolos, telhas, orações e fé .....	55
Essa oncinha é da boa .....	57

Festa para o santo casamenteiro .....	59
Garantindo água nas torneiras .....	61
Gostosuras ou travessuras? .....	65
Hoje tem jogo televisionado no Bar do Didi .....	67
Comerciante com veia política .....	69
Natal de doação e fatura .....	71
O temido boticão .....	73
O mestre de obras da Matriz .....	75
Milagre de Santo Antônio .....	77
Olha a Gazeta .....	79
Magistério no coração e na alma .....	81
A mestra dos primeiros passos na leitura .....	83
Quem é que desce a ladeira? .....	85
Redescobrimo a vida e a alegria .....	87
Reinventando-se na terceira idade .....	89
O bar na Praça Ana Mattos .....	91
O Capitão de Santa Terezinha .....	93
O parto sobrenatural .....	95
Pequeno paraíso na cidade .....	97
O prefeito e a Galeria dos Prefeitos .....	99
Inteligência centenária .....	101
Zero hora do novo milênio .....	103
Lá vai a charrete pela estrada de chão batido .....	105
Política no sangue feminino .....	107
O povo escolhe seu prefeito .....	109
Fé como alicerce de vida .....	111
Vida e fé .....	113

## Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!

A FAMÍLIA PAIXÃO sempre foi uma presença constante na vida da Igreja, com atuação muito forte nas comunidades onde residia, e em Itarana essa participação não seria diferente. A família tinha histórico religioso com a mãe Maria Penha e a irmã Ludmila tendo passado pelo convento e o tio Fernando já sendo sacerdote. Maria Penha e Sebastião tiveram três filhos, e o mais novo deles recebeu o nome bíblico de Melquisedec.

Desde pequeno, Melqui, como era conhecido na comunidade de São Sebastião, sempre foi muito ativo, participava das atividades da catequese, das celebrações e do grupo de crianças que se destacavam por sua atuação na igreja, participando de movimentos como a infância missionária.

Também era participativo nas apresentações que aconteciam dentro das celebrações e desde muito pequeno rezava novenas para que viesse a se tornar padre.

Depois do ensino médio e ter feito a faculdade de História em Colatina, manifestou à mãe e ao pai o desejo de se tornar sacerdote, notícia que foi recebida com júbilo pelos pais, irmãos, e pela comunidade.

E foi dessa forma que o jovem Melquisedec, já com o curso superior e a vocação que lhe acompanhava desde criança, partiu para a sua missão de servir a Deus no sacerdócio e de forma mais completa como presbítero.

O anúncio de que mais um itaranense iria se tornar padre foi feito numa celebração festiva da igreja onde toda a família, pais, irmãos, tios e padrinhos estavam presentes, o que foi recebido com muita alegria por todos.

E lá se foi Melqui para seus estudos em preparação ao sacerdócio. O convívio com a família teria de ser interrompido pelo garoto que havia nascido e se criado ali junto com os pais. Os amigos teriam que ser deixados pelo menos na convivência diária, nas brincadeiras pelas ruas da Cohab enquanto criança, nas cantorias tocando violão, para poder se dedicar ao seu grande projeto de vida, que era servir à igreja da qual sempre foi um grande colaborador.

No dia da ordenação presbiteral, no santuário dedicado à padroeira de sua diocese natal, Nossa Senhora da Saúde, o menino Melqui, agora padre Melquisedec Carlos Fardin, deixava transparecer a emoção, que sua timidez não foi capaz de conter.

Era a cidade de Itarana, a Diocese de Colatina e a igreja como um todo ganhando mais um sacerdote. Era a família Paixão-Fardin, mais uma vez dando a sua contribuição para o Reino de Deus.



Inspirado em Melquisedec Carlos Fardin, nascido em Itarana em 31 de dezembro de 1990 e ordenado presbítero pela Igreja Particular da Diocese de Colatina no dia 12 de setembro de 2020 no Santuário Nossa Senhora da Saúde, em Ibiracu.

## Vida sobre duas rodas

A VIDA LHE havia pregado uma peça e, por isso, parte de seus movimentos haviam sido limitados, mas Alfredo Mendewal não iria se abater com as limitações e seria um grande exemplo de superação em Itarana.

Alfredo que passou a ser conhecido como Alfredão, depois das limitações teve que se adaptar à nova vida e montou uma oficina de consertos de bicicleta.

Na década de 80, Itarana tinha uma quantidade muito grande de pessoas que se deslocavam para o trabalho em cima das duas rodas e foi nisso que Alfredão viu uma oportunidade de virada na sua vida.

Começou fazendo pequenos reparos, um acerto aqui, uma corrente que havia quebrado acolá, e não demorou muito para que a oficina se tornasse referência nesse tipo de serviços.

A esposa, que era conhecida como Zezé, não se cansava de receber pedidos de ajuda fora de hora de alguém cujo meio de transporte havia apresentado algum defeito.

Alfredão era assim muito conhecido por sempre socorrer as pessoas, e já que a oficina era ao lado de sua casa, praticamente atendia a qualquer hora do dia, e em casos extremos até mesmo fora de hora.

Ao lado de alicates, parafusos, correntes e guidões, Alfredo levava a vida sem se importar muito com as limitações que tinha. Pelo contrário, as usou a seu favor e se tornou um grande reparador de bicicletas em Itarana.



Sua oficina sempre vivia cheia de bicicletas esperando que ele cuidasse de cada uma com total dedicação e zelo que lhe era característico.

O serviço na oficina era, no entanto, interrompido semanalmente nas terças-feiras entre as 16 e as 17h.

Era dia de Alfredo ir realizar os seus jogos na loteria, que não abria mão de forma alguma. Na antiga casa lotérica em frente à matriz, Alfredo fazia religiosamente a sua aposta.

Dessa forma, enquanto consertava uma e outra bicicleta, também renovava a fé de que seria premiado com uma grande bolada em alguma loteria. Alfredão, que não se intimidava com as limitações, mostrava que a vida sobre duas rodas era muito mais interessante.



Inspirado em Alfredo Mendewal, o Alfredão, nascido em 10 de maio de 1949 em Afonso Cláudio e falecido em 14 de janeiro de 1994 em Colatina, dono da mais conhecida oficina de bicicletas de Itarana e exemplo de superação de vida.



E de onde o coração, ainda que a boca permaneça calada, sussurra carinhosamente: “Às margens do Santa Joana, sempre alegre e hospitaleira, banha-se minha Itarana...”

*Pedra da Onça – Monumento onomástico que dá nome ao município.*

*Em tupi-guarani: Ita, pedra; Rana, onça.*

**EDITORA RECANTO das LETRAS**

